

Políticas públicas de educação infantil: um relato sobre o brincar na creche

*Ricardo Augusto Jesus Sales**

*Hélder Ferreira Isayama***

*João Francisco Magno Ribas****

Resumo

Este relato tem como interesse socializar a experiência da Escola de Educação Física da UFMG, na construção de Políticas Públicas voltadas a Educação Infantil em creches. Nesse sentido, o projeto Pró-saúde objetiva a capacitação de profissionais que trabalham em creches/escolas, através de uma proposta que privilegie a formação de cidadãos conscientes, críticos e criativos.

Abstract

This report aims to socialize the experience of the Physical Education school of UFMG, in the construction of Public Policies toward the children education in day nurseries. In this sense, the Pró-saúde project aims to capacitate professionals that work in day nurseries/schools, thought a proposal that enhances the formation of conscious, creative and critical citizens.

* Professor do Centro Pedagógico da UFMG; Ex-monitor do Projeto Pró-Saúde Linha 5 (Saúde e Educação em Creches e Escolas), desenvolvido pelas unidades acadêmicas da área de saúde da UFMG.

** Professor da Escola de Educação Física da UFMG; Sub-coordenador do Centro de Estudos do Lazer e da Recreação (CELAR/EEF/UFMG); Doutorando em Educação Física pela Unicamp.

*** Professor da Escola de Educação Física da UFMG; Doutorando pela Unicamp; Coordenador do projeto Pró-Saúde Linha 5 (Saúde e Educação em Creches e Escolas), desenvolvido pelas unidades acadêmicas da área de saúde da UFMG.

Introdução

Na necessidade de buscar suporte teórico para o projeto de extensão Pró-saúde creches, constatamos a escassez de Políticas Públicas de Educação Infantil. Nesse sentido, pouca atenção é dispensada em relação ao trabalho dos profissionais da Educação Física em creches. Os principais referenciais nessa área, até os dias de hoje, são os trabalhos desenvolvidos pela psicomotricidade e pelo desenvolvimento motor. Inicialmente, também utilizamos essa referência e, no decorrer do trabalho, cada participante deu o seu toque, desenvolvendo o trabalho que mais acreditava, no nosso caso, o brincar foi a temática central da proposta. Assim, em um primeiro momento, o presente texto mostra como e porque surgiram as creches, assim como seus objetivos antes e atualmente. Na sequência, explicaremos um pouco mais sobre o projeto pró-saúde da UFMG. Por fim, apresentaremos a proposta da área de Educação Física neste projeto que tem como ênfase o brincar enquanto Política Pública de Educação Infantil.

O surgimento das creches

A palavra creche tem suas raízes etimológicas no francês “crèche”, que

significa manjedoura ou um espaço apropriado para abrigo, proteção e cuidados. Surgida há mais de 200 anos, vem sendo associada ao simbolismo cristão de dar abrigo às crianças necessitadas (Oliveira, et. al., 1992).

A procura pelas creches veio a ter um aumento expressivo com a expansão da industrialização e dos setores de serviço, que proporcionaram, após muitas lutas, a inserção das mulheres, das diferentes camadas sociais, no mercado de trabalho. Estas tiveram que procurar um espaço no qual pudessem deixar seus filhos, para que recebessem alimentação, cuidados higiênicos e segurança física. Essas instituições, na maioria das vezes, eram tidas como asilos ou, melhor dizendo, “depósitos de crianças”.

Nesse sentido, Rosemberg (1989) afirma que no Brasil, o surgimento das creches nos fins do século passado, esteve vinculado às idéias assistencialistas que visavam a proteção dos filhos de mulheres das classes trabalhadoras. Para a autora, razões educacionais eram completamente estranhas ao funcionamento das poucas creches existentes.

Com o passar dos tempos, novos significados foram dados a essas entidades, pois, até então, a creche era vista somente como de

caráter assistencial. Hoje, com vários estudos e trabalhos¹ voltados para esse espaço, vem o mesmo sendo reconhecido como de importância para a socialização, para vivências e interações no processo de desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos.

Sobre as finalidades de uma creche, concordamos com Rizzo (1988), pois acreditamos que ela existe para exercer o papel das mães, embora não deva assumir o seu lugar. Assim, se constitui num espaço onde se presta uma assistência integral à criança, em qualquer parte do dia (e, às vezes, se estendendo ao período noturno), procurando cuidar de sua segurança, o que inclui todos os cuidados relativos à higiene, à alimentação, ao afeto e à educação.

No entanto, sabemos que nem sempre isso acontece, devido a vários fatores: 1) um pequeno número de profissionais e um grande número de crianças atendidas pela creche; 2) despreparo desses profissionais para atuação nestas instituições; 3) rotatividade dos profissionais que atuam com as crianças; 4) falta de espaço físico adequado para a realização de novas propostas.

A partir do início da década de 80, com a crescente luta dos

movimentos sociais organizados, em especial do Pró-creche,² reivindicando junto ao estado o desenvolvimento de Políticas Públicas voltadas à Educação infantil, aumentou consideravelmente a preocupação da sociedade para com estas entidades, e a Universidade, entre outras instituições, vem se dedicando a esse espaço educacional.

A UFMG na creche da Vila Sumaré

O projeto Pró-Saúde teve início em 1995, quando foi constituído um fórum para discussão de um possível trabalho de pesquisa e extensão junto ao sistema de saúde e comunidade, partindo de uma avaliação dos trabalhos já em desenvolvimento por algumas unidades da UFMG.

Nesse fórum, foram definidas 9 linhas de ação,³ ficando a linha 5 voltada para Saúde e Educação em Creches e Escolas. Como nos lembra Debortoli & Sales (1997, p. 2):

a linha 5 do Pró-Saúde passou a funcionar como um setor de convergência de projetos de extensão, no qual buscou-se reunir, junto a Pró-Reitoria de Extensão, trabalhos voltados para o atendimento comunitário, cujo tema orienta-se no desenvolvimento de

metodologias de intervenção e educação para a saúde em creches e escolas.

O projeto da Escola de Educação Física/UFMG iniciou-se no período de novembro a dezembro de 1995, quando foram discutidas as metas, estruturas e objetivos para o trabalho. Esse processo contou com a participação dos professores responsáveis pelo projeto e dos monitores selecionados e foi realizado a partir de reuniões semanais, incluindo discussões sobre Educação Física, Creches e Educação em creches.

Tivemos a oportunidade de participar do 1º Seminário Interdisciplinar da Linha 5 do Pró-Saúde, que teve como tema "Vigilância à saúde e educação em creche/escola", conjuntamente com representantes de várias instituições (Creches, Orfanatos, Escolas, Casas de apoio à criança e ao adolescente), buscando discutir formas de compor um trabalho interdisciplinar no projeto.

A participação nesse seminário muito contribuiu para a continuidade de nossos trabalhos e também para a elaboração do questionário que nos auxiliaria a conhecer as 18 creches participantes do projeto, pois posteriormente tivemos que optar por duas delas⁴ para o desenvolvimento do trabalho.

Em 1996, com o envolvimento de novos professores no projeto, os interesses convergiam no seu desenvolvimento, acarretando em mudanças sobre a produção teórica que dava suporte a nossas discussões. Esse fato levou-nos a estabelecer, como objetivo básico, o atendimento educativo e formativo de crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas.

É importante frisar que um dos objetivos principais do projeto é de capacitar profissionais que trabalham em creches, buscando oferecer subsídios para que estes possam desenvolver propostas mais adequadas, não só se preocupando em "tomar conta" das crianças, mas, sobretudo, em promover um trabalho educacional, que vise o desenvolvimento global nesta faixa etária. Dessa forma, buscou-se, juntamente com profissionais que atuam na creche, planejar, executar e avaliar as ações, baseados nas propostas educacionais.

Uma das creches escolhidas para o desenvolvimento do trabalho foi a da "Vila Sumaré".⁵ A idéia de construção desta creche surgiu de um grupo de Religiosas Clarissas Franciscanas, engajadas na luta por melhores condições de vida para as comunidades carentes de nossa sociedade. Nesse sentido, influencia-

ram a criação da associação de bairro da Vila Sumaré, que estabeleceu como prioridade a construção de uma creche, no ano de 1981.

Muitas dificuldades foram encontradas para a consolidação da proposta de construção desse espaço, pois a comunidade não possuía recursos necessários para tal empreendimento. Com muito esforço, a associação de moradores conseguiu alugar um barracão para o início dos trabalhos da creche. No entanto, ela não dispunha de espaço apropriado para atender toda a comunidade em questão.

Um aspecto primordial nesse processo, foi de que a criação da creche possibilitou a inserção no mercado de trabalho de muitas mulheres da comunidade que necessitavam trabalhar para colaborar com aumento da renda familiar. Porém, não havia uma preocupação com propostas educacionais que pudessem auxiliar na atuação com as crianças. Na verdade, o objetivo principal, no início do seu funcionamento, era o de ser este um local para “depositar as crianças”, enquanto seus pais estivessem buscando recursos para o sustento da família.

Com o passar dos anos, a grande procura pelos serviços prestados pela creche incentivou a comunidade a buscar novos recursos para ampliar

seu atendimento. Novamente, com o auxílio das religiosas que recorreram a outras instituições buscando auxílio às atividades desenvolvidas na creche, foi conseguida uma doação financeira da Alemanha, o que possibilitou a compra de um lote, sendo iniciadas as obras da nova sede da creche, no ano de 1985.

No entanto, as dificuldades, principalmente financeiras, estavam sempre presentes. Só em 1987, foi firmado um convênio com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e a Legião Brasileira de Assistência⁶ (LBA), o que proporcionou o pagamento dos funcionários e outros encargos sociais da entidade. Isso possibilitou um avanço à medida que, com maiores investimentos, houve uma melhora na qualidade dos serviços prestados, inclusive quanto às propostas educacionais desenvolvidas.

É importante enfatizar que o surgimento e o fortalecimento da creche da Vila Sumaré aconteceu da mesma forma que inúmeras outras creches, como foi constatado por Andrade (1983).⁷

Atualmente, a comunidade convive com sérios problemas, tais como tráfico de drogas, constantes “batidas” policiais, em geral, cenas que incomodam grande parte dos

seus moradores e que a cada dia se tornam mais comuns para as crianças que convivem com esta realidade.

Com isso, os pequenos espaços que as crianças têm para brincar, tornam-se palco de inúmeras batalhas, onde ocorrem troca de tiros entre traficantes e policiais. Reduzindo suas brincadeiras aos locais de moradia e à creche/escola, no entanto, mesmo dentro desses espaços, observamos uma má utilização, no que se refere à possibilidade de apropriação pela criança, do seu brincar.

Dentro desse contexto, surge uma preocupação com o desenvolvimento de propostas mais efetivas, que considerem o espaço da creche como de importância no processo de formação da criança enquanto sujeito situado historicamente e que também produz cultura. Foi nesse sentido, que optamos por desenvolver um projeto na área da Educação Física que visava a construção de Políticas Públicas de educação infantil, privilegiando a creche como um espaço para o brincar, onde a atenção estava centrada no desenvolvimento da criança enquanto produtora de cultura.

A Educação Física como uma proposta de brincar na creche

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a Educação Física pode representar um espaço de experiências e conhecimentos, onde os sujeitos históricos buscam compreender o significado de seus gestos de forma consciente, crítica e criativa. Considerando em especial a criança – sujeito histórico focalizado neste texto – esse processo pedagógico, que integra o universo da Educação Física, vem sendo desenvolvido pelas suas vivências sociais, em suas interações concretas com o contexto, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criados (Wajskop, 1995).

De acordo com essa concepção de Educação Física, acreditamos ser este um momento onde as crianças podem vivenciar experiência de vida de forma lúdica, construindo de forma simbólica a realidade, podendo também criar e recriar o mundo que as cerca. A partir disso, vislumbramos a Educação Física como um espaço que também possa privilegiar o brincar, já que esse se constitui na própria vivência lúdica.

Para tanto, procuramos, em nosso projeto, ampliar o horizonte do brincar na creche, por percebermos que ele era tido como um simples momento de descanso entre as atividades consideradas cansativas e rotineiras para as crianças. Na maioria das vezes, o brincar na creche se resumia às mesmas atividades, tornando-as repetitivas e automatizadas. Entre elas, podemos citar o “chicotinho queimado” e o “show de calouros”.

Esse fato muito nos incomodou, pois as brincadeiras aconteciam dentro da própria sala de aula. Dessa forma, o espaço físico utilizado era sempre o mesmo. Neste sentido, Werneck (1997) critica o projeto de eliminação da infância que ocorre por meio do esporte, onde o que se busca é a docilização pelo controle do corpo, procurando discipliná-lo e torná-lo eficiente, através da rotina. Para tanto, é necessário quadricular o espaço, controlar e organizar o tempo e adestrar o gesto, procurando destituí-lo de prazer. Fundamentalmente, o que se percebe é uma preparação da criança para a vida adulta, assim, as brincadeiras, segundo esse enfoque, devem ter um caráter de “seriedade” e visar a adequação da criança ao mundo produtivo.

Buscando a superação para tal problemática, Werneck (1997) afirma ser importante que o esporte abra espaços para o jogo lúdico, o sonho, a fantasia, o prazer, a alegria, o brinquedo, a construção coletiva, entre outros, o que pode nos levar a redescobrir a vida como brinquedo e incorporar a capacidade de brincar, de sonhar e de sentir prazer que são próprias de nossas crianças, recusando os princípios que venham inibir nossos desejos e impedir a busca da concretização de nossos ideais.

O brincar, então, deve se constituir em fator essencial no trabalho dos educadores. No entanto, os professores somente estarão disponíveis para brincar, ou entender a brincadeira numa concepção que trabalhe com a imaginação, a criação, a exploração e a representação, à medida que tiverem consciência de que as crianças que frequentam as creches passam grande parte de suas vidas com eles. Desta forma, os professores têm que saber que também são responsáveis pela construção da identidade dessas crianças e que sua função principal é criar as mais diversas possibilidades para que esse processo aconteça de forma rica e variada (Rocha, 1997).

Concordando com essa perspectiva, buscamos, através de encontros com os profissionais que atuam na creche, discutir aspectos sobre a importância dos brinquedos e brincadeiras para as crianças, apontando caminhos para desenvolvermos ações que privilegiem a vivência lúdica,⁸ como uma forma de trabalho revolucionário, onde o importante, como nos diz Marcellino (1990), é não apenas consumir cultura, mas também criá-la e recriá-la, vivenciando valores e papéis que sejam externos a ela.

Nesse sentido, o Plano Nacional de Educação (1997) procura deixar claro que a Educação Infantil (em creches e pré-escolas) deve ir além do treino de habilidades e formação de hábitos de higiene, procurando uma redefinição como uma etapa sistemática do processo de desenvolvimento da criança, ampliando seu universo cultural, tornando-a mais capaz de agir com independência e fazer escolhas nas mais diversas situações. Tal processo ocorre numa dimensão lúdica que, respeitando o jogo como “o fazer infantil”, possibilita a observação da realidade, a elaboração de noções, o desenvolvimento das linguagens de representação, das estruturas lingüísticas, a ampliação de vocabulário, enfim a construção do conhecimento necessário à compreensão da realidade.

Dessa forma, perspectivando adotar uma metodologia que privilegiasse o brincar⁹ enquanto Política Pública de Educação Infantil, dividimos o trabalho em três momentos distintos:

- 1) Encontro com os monitores da creche para uma avaliação das atividades desenvolvidas durante a semana anterior e, em seguida, realização da apresentação das propostas para aquele dia;
- 2) Realização das atividades junto às crianças, com o propósito de proporcionar a exploração dos espaços (já que estes eram pouco explorados) e utilização de materiais disponíveis no local (pouco utilizados). Para a efetivação das propostas utilizamos, como conteúdos, brincadeiras folclóricas praticadas na própria comunidade, jogos tradicionais (futebol, queimada, pique bandeira, dentre outros), criação de brinquedos, construção de uma brinquedoteca junto às outras áreas de atuação na creche.¹⁰ Durante esse momento, realizamos observações e conversas com as crianças, com a intenção de proporcionar outras atividades que viessem a colaborar no seu desenvolvimento;

3) Avaliação com os monitores realizada ao final de cada aula, com a intenção de se discutir os momentos observados durante os trabalhos. Aqui, buscamos relacionar o que acontecia dentro das atividades com as leituras que eram feitas junto aos monitores da creche. E, por fim, planejávamos as atividades que seriam desenvolvidas no próximo encontro.

Apesar da continuidade na realização dos trabalhos, podemos inserir algumas conclusões sobre o período. Um primeiro ponto, está relacionado ao envolvimento dos profissionais que trabalham na creche. Verificamos um maior interesse dos monitores da creche em buscar embasamento para suas ações educacionais, preocupando-se com a formação de cidadãos críticos, criativos e conscientes de sua importância no movimento de construção de uma sociedade mais digna. Isso veio contribuir para uma melhor formação acadêmica dos profissionais envolvidos com o trabalho nesta creche.

No desenvolvimento do projeto, notamos também que, no início, houve uma grande resistência das crianças em relação ao que estava sendo proposto. Com o caminhar dos trabalhos, verificamos maior

participação das crianças no planejamento, execução e até mesmo na avaliação da proposta. Nesse sentido, observamos uma liberdade para a criação e recriação de atividades, o que proporcionou uma construção coletiva e conferiu uma maior autenticidade ao que estava sendo realizado.

A partir desse momento, as crianças passaram a reivindicar a utilização de outros espaços e materiais da creche, para quebrar a rotina e a automatização. Assim, buscamos extrapolar o que vinha sendo desenvolvido, propondo atividades em outros locais, no caso, nas dependências da Escola de Educação Física da UFMG, com a participação dos alunos da disciplina de Desenvolvimento Motor.¹¹ Nesse momento, pudemos observá-las em outro ambiente, com crianças da outra creche que participa do projeto. Primeiramente, notamos o entusiasmo pelos espaços, vontade de participar de tudo (e participaram). Algumas hesitaram, os mais curiosos buscaram explorar, e outros perguntavam e solicitavam auxílio dos maiores. Cada uma brincava do jeito que sabia e, aos poucos, novas formas de brincar surgiram. Materiais familiares à nossa área (Educação Física), como plintos, cama elástica, trampolim, bolas, traves, entre

outros, proporcionaram a todos novas vivências de movimento e formas prazerosas de brincar.

Importante, também, foi a aceitação dos diretores da creche em relação ao projeto, dando total apoio às propostas feitas para a realização do trabalho e, inclusive, em alguns momentos, participando das atividades desenvolvidas.

Em relação ao projeto como um todo, percebemos que o trabalho interdisciplinar entre as áreas da UFMG ainda não se concretizou, no entanto, já verificamos uma interessante troca de experiências, o que acreditamos ser fundamental para o alcance desse objetivo.

Como a intenção é de capacitar profissionais para o trabalho na creche, temos como metas para a continuidade do projeto, o acompanhamento dos trabalhos na Vila Sumaré e a escolha de outras creches para a implementação dessa proposta.

Felizmente, algumas ações apontam para novas perspectivas do trabalho em creches. A nova LDB, propõe a garantia de Educação Infantil em creches, no entanto, algumas questões ainda devem ser debatidas, tais como: de quem seria a obrigação para com o desenvolvimento dos trabalhos em creches?

Como se daria a formação de profissionais envolvidos com esse trabalho?

Notas

- 1 Como exemplos desses trabalhos podemos citar o grupo de estudos voltados *para educação infantil da FAE/UFMG*.
- 2 O movimento do Pró-creche tem como função reivindicar, junto ao Estado, os interesses (financeiros, alimentação, entre outros) das creches do estado de Minas Gerais.
- 3 Foram definidas 9 linhas de ação que são: 1) produção técnico-científica; 2) formação e educação permanente de profissionais da saúde; 3) integração com Rede SUS na área metropolitana de BH; 4) integração com Rede SUS no interior do Estado de MG; 5) vigilância à saúde e educação em creches e escolas; 6) atenção especial voltada a grupos operativos de pacientes; 7) assistência especializada em atenção à saúde e formação de recursos humanos; 8) projetos de apoio complementar, e 9) pesquisa aplicada aos SUS e ao processo educacional em saúde.
- 4 Apesar do grande número de creches interessadas pelo desenvolvimento do trabalho, optamos por apenas duas creches, devido ao pequeno número de bolsas para monitoria concedidas pela universidade.

- 5 A creche da Vila Sumaré fica situada às margens da Av. Carlos Luz (Catalão), atualmente, em frente para um dos maiores Shopping Center de Belo Horizonte.
- 6 Atualmente SETAS – Secretaria do Estado de Trabalho e Assistência Social.
- 7 No início do funcionamento das creches as condições eram bem precárias, dessa forma, não contavam com espaço físico, equipamentos e alimentação suficientes. Com o passar dos anos, as associações buscavam melhorias no seus serviços, o que possibilitou o convênio com órgãos públicos.
- 8 Segundo Pinto (1995) “o lúdico concretiza experiência cultural movida pelos desejos de quem joga e é coroada pelo prazer. As trocas lúdicas fortalecem laços de amizades; partilham e reciclam sonhos e sentimentos; desconstruem, diferenciam e reinventam temporalidades” (p. 20).
- 9 É importante não esquecer que o objetivo principal é a capacitação dos profissionais que trabalham na creche.
- 10 Medicina, Terapia Ocupacional e Psicologia.
- 11 Disciplina obrigatória da grade curricular do curso de Educação Física.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, G. M. de. *Memória histórica das creches comunitárias na região metropolitana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1983. (Relatório de pesquisa)
- DEBORTOLI, J. A. & SALES, R. A. J. A *Educação Física participando da construção de uma proposta de educação infantil*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. (Mimeo)
- OLIVEIRA, Z.M. et. al. *Creches: crianças, faz de conta & cia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PINTO, L. M. S. de M. Lazer: vivência privilegiada do lúdico. In: Prefeitura de Belo Horizonte. *O lúdico e as políticas públicas: realidades e perspectivas*. Belo Horizonte: PBH/SMES, 1995.
- PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: proposta da sociedade brasileira*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1997.
- RIZZO, G. *Creches: organização, montagem e funcionamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.
- ROCHA, R. M.da. Brincar: uma necessidade da criança que nós, educadores infantis, pouco conhecemos. In: WERNECK, C.L.G. et. al. (Org.) *Coletânea do IX Enarel Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Belo Horizonte: SMES/PBH & CELAR/EEF/UFMG, 1997, p. 414-424.

- ROSEMBERG, F. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche 1984. In: ROSEMBERG, F. (Org.) *Creche*. São Paulo: Cortez, 1989.
- WAJSKOP, G. *Brincar na Pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1995.
- WERNECK, C. L. G. A criança e o esporte: o lúdico como proposta. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 18 (2), jan., 1997, p. 103-110.